

PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PRONÚNCIA PORTUGUESA ENTRE FALANTES ADULTOS DE RUSSO

BRIAN FRANKLIN HEAD (*) E LARISSA SEMËNOVA-HEAD ()**

(*) Professor emérito da Universidade de Albany, NY (bfh122333@gmail.com);

(**) Professora jubilada da Universidade de Moscovo.

RESUMO

Após uma breve panorâmica da história do ensino do português na União Soviética, o presente estudo descreve a grande mudança que se verificou na última década relativamente à presença em Portugal de imigrantes vindos da Rússia, Ucrânia e outros países do Leste Europeu, assim como algumas das consequências resultantes sobre muitos adultos vindos desses países. Especialmente digno de nota, no tocante a esta questão, é o facto de que o influxo de numerosos imigrantes adultos da Europa de Leste em Portugal, na primeira metade da última década, criou uma necessidade urgente de cursos especiais de português para estes imigrantes. O estudo põe em destaque uma área particular com a qual se confrontam todos os professores e alunos com respeito à linguagem num novo país de residência: a pronúncia. Os principais problemas na aprendizagem da pronúncia do português europeu por parte de alunos imigrantes adultos falantes nativos do russo são considerados no presente estudo segundo duas perspectivas complementares: (1) a teoria da análise contrastiva, a qual serve de base à comparação de paradigmas e processos fonológicos em ambas as línguas, e (2) dados empíricos, derivados de observação directa de actos de fala em português, por parte de alunos representativos deste grupo, tanto em sala de aula como em situações comuns de comunicação na vida quotidiana.

Duma forma geral, o estudo mostra que, enquanto que alguns problemas se podem deduzir de imediato a partir duma simples comparação entre os paradigmas fonológicos da língua materna (o russo) e da língua alvo (o português), existem outras dificuldades, típicas do discurso dos estudantes considerados, que só podem ser identificadas mediante (a) a consideração de informação mais detalhada, numa perspectiva analítica contrastiva, tal como a que diz respeito a alguns processos de variação contextual, ou (b) o exame de traços típicos de variedades sociais e geográficas da língua do país de acolhimento qual ela se apresenta na comunidade que tais alunos imigrantes adultos frequentam. Juntamente com algumas hipóteses explicativas, este estudo apresenta sugestões para uma investigação futura.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo; Linguística Contrastiva; Aprendizagem do Português; Imigrantes (adultos) de Leste; Pronúncia.

ABSTRACT

Following a brief review of the history of the teaching of Portuguese in the Soviet Union, the present study describes the great change, during the past decade, of the presence in Portugal of immigrants from Russia, Ukraine and other countries of Eastern Europe, as well as some of the consequences of the current residence of many adults from those countries. Especially relevant to the topic of this study is the fact that the influx of numerous adult immigrants from Eastern Europe into Portugal, during the first half of the past decade, created an urgent need for special courses in Portuguese for these immigrants. The study focuses on a particular area, confronted by all teachers and all learners, with regard to the language in the new country of residence: pronunciation.

The principal problems in learning of the pronunciation of European Portuguese among immigrant adult learners, whose native language is Russian, are considered in the present study from two complementary perspectives: (1) the theory of contrastive analysis, which bases the prediction of problems on the comparison of phonological paradigms and processes of the respective languages, and (2) empirical data, derived from the direct observation of speech acts, in Portuguese, by representative learners, both in the classroom and in common situations of communication in day-to-day life.

In general, the study shows that, while some of the problems are readily foreseeable through a mere comparison of corresponding phonological paradigms in the mother tongue (Russian) and the target language (Portuguese), other difficulties, typical in the speech of the type of learners under consideration, can only be identified either by (a) consideration of more detailed information from a contrastive analytical perspective, such as processes of contextual variation, or (b) examination of features of the social and geographic varieties of the target language in the environment of the adult immigrant learners. Along with some hypotheses, the study presents suggestions for future investigation.

KEYWORDS: Bilingualism; Contrastive Linguistics; Portuguese Language Learning; (adult) Immigrants from Eastern Countries; Pronunciation.

1. O INÍCIO DOS ESTUDOS PORTUGUESES NA RÚSSIA

Apesar de existir anteriormente uma tradição de pesquisa em assuntos do mundo da língua portuguesa, o idioma começou a ser ensinado na União Soviética só depois da Revolução «dos Cravos», a 25 de Abril de 1974. Antes, o português não fazia parte dos currículos universitários (com raras excepções), nem como primeira língua estrangeira, nem como segunda. Os pioneiros no âmbito dos estudos portugueses foram Olga Vissilieva-Shvede e o professor Vladimir Schishmariov, ambos pesquisadores da Universidade de São Petersburgo, em meados do século XX, no domínio das Línguas Românicas. Em época mais recente, o grande impulso no ensino do português na União Soviética (e, por extensão, em algumas dos países que eram Repúblicas da antiga União Soviética) está ligado à fecunda actividade de ensino e de pesquisa, nas décadas dos 70 e dos 80, da Professora Elena Wolf, cujas primeiras aulas de Português, na Universidade Estatal de Moscovo Lomonóssov, não valiam para fins de crédito curricular, nem sequer tinham horário estável. (Embora a vasta e profícua actividade da Professora Elena Wolf constitua um tema de especial interesse para a história do ensino da língua portuguesa, tal tema foge ao enfoque principal do presente estudo).¹

2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIÃO SOVIÉTICA

Depois da Revolução de 1974, surgiu na União Soviética um grande interesse pelo ensino prático do português, o qual aumentou naturalmente a partir de 1975, quando as antigas colónias (ou «províncias ultramarinas», na terminologia do período da ditadura salazarista) se tornaram independentes: a União Soviética iniciou uma política para implantar e ampliar a sua influência nos novos países independentes.

Em face dos objectivos políticos, tornou-se necessário preparar, a curto e a médio prazo, intérpretes para as missões militares e comerciais soviéticas, a fim de dar assistência aos programas de colaboração em áreas tais como a indústria, a agricultura e o ensino, entre outras. Por consequente, foram organizados cursos intensivos para a formação de tradutores e intérpretes, sobretudo em instituições do ensino superior. É verdade que, com as mudanças políticas posteriores ao desmembramento da União Soviética, o interesse oficial pelo ensino da língua portuguesa diminuiu, em alguns aspectos, mas já estava assegurado o seu lugar nas universidades das antigas repúblicas soviéticas.

¹ Está a ser preparada, sob a coordenação da Dra. Irina Tchelysheva (Ирина Чельшева), chefe do Departamento de Línguas Indo-europeias do Instituto de Linguística da Academia das Ciências da Rússia (RAM) em Moscovo, uma colectânea de estudos in memoriam da Professora Elena Wolf.

No que se refere ao tema do presente estudo, é relevante notar que, em geral, não foram beneficiados pelo ensino do português nos seus países de origem os imigrantes adultos eslavos que se encontram actualmente em Portugal: tipicamente, só começaram a aprender a língua portuguesa depois de estarem em Portugal.

3. O INTERESSE ACTUAL PELA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS POR PARTE DE FALANTES ADULTOS DE RUSSO (E DE OUTRAS LÍNGUAS ESLAVAS)

Com o colapso económico da antiga União Soviética e seu desmembramento em repúblicas autónomas, a situação social mudou muito. Começou uma emigração muito notável dos países do Leste da Europa para os países da União Europeia, inclusive para Portugal. Durante a última década, mudou o perfil linguístico de Portugal, antes considerado país de uma só língua: o português. Esta imagem (comum, embora falsa)² havia de ter deixado de ser tão difundida em face das dramáticas mudanças recentes no perfil linguístico do País, devida à entrada de numerosos imigrantes dos países da Europa ocidental, sobretudo ucranianos e russos, mas também moldavianos, romenos, georgianos e outras nacionalidades, durante a primeira década deste milénio. É de lembrar que, por causa da política de «russificação» que caracterizou o período soviético, foi especialmente promovida a aprendizagem da língua russa durante algumas décadas nas Repúblicas da antiga União Soviética. Assim, é comum o conhecimento da língua russa entre os imigrantes de diversos países que eram repúblicas da antiga União Soviética.

Como consequências da presença de numerosos imigrantes do Leste da Europa em Portugal, notam-se a edição de alguns jornais semanais e revistas, a publicação de suplementos em russo ou em ucraniano em vários jornais locais, a transmissão de programas de rádio nestas duas línguas em diversas emissoras locais e regionais (especial-

² É inexacta a noção comum de Portugal como país «monolíngue», embora tal noção tenha sido promovida por alguns filólogos e linguistas de responsabilidade, tais como Paiva Boléo e P. Teyssier. Na verdade, porém, desde a sua origem como unidade política, Portugal nunca foi um país onde se falasse só uma língua! Basta lembrar a presença Muçulmana na Península Ibérica (que durou mais de sete séculos, começando mesmo antes da nação de Portugal, continuando durante mais alguns séculos depois), a presença dos ciganos (que tem estado no território desde longa data, embora a sua sociedade e a sua língua sejam pouco estudadas e mal conhecidas) e os falantes de mirandês (principalmente nos concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso, no NE de Portugal), uma língua do uso sobretudo rural, que evoluiu a partir do antigo asturo-leonês -- outro ramo das línguas hispânicas, embora o mirandês tenha sido considerado durante muito tempo uma variedade do português). Além disso, há em Portugal numerosos cabo-verdianos e guineenses, falantes de línguas crioulas, que não são dialectos do português embora alguns autores não explicitem devidamente a origem e a classificação de tais línguas: por exemplo, Castro refere, de forma imprecisa, reiteradamente "Crioulos de base portuguesa" (Castro 1991: 58, 62; 2008: 34 s.), quando os referidos crioulos são, na verdade, apenas de base lexical portuguesa, não de base portuguesa em geral. (Veja-se B. Head 2007).

mente na região norte) e até a presença de alguns trechos em língua russa nalgumas publicidades na televisão nacional. Actualmente, a maior minoria de estrangeiros em Portugal é constituída pelos imigrantes ucranianos, algumas centenas de milhares (entre legalizados e outros). É de lembrar que é bastante recente a grande mudança do panorama linguístico de Portugal: data do início do século XXI, mais precisamente entre os anos de 2000 e 2003, quando entraram no país milhares e milhares de *gas-tarbeiter* oriundos de diversas repúblicas da antiga União Soviética, tendo muitos dos imigrantes formação universitária, sobretudo nos domínios das ciências da saúde; a experiência comum, porém, até ao momento presente, é de trabalharem predominantemente na construção, em fábricas e em diversos domínios de prestação de serviços (limpeza, cuidados de doentes e de idosos, etc.).

4. A NECESSIDADE DE CURSOS DE PORTUGUÊS PARA ADULTOS

Com a vinda a Portugal de um grande número de imigrantes do Leste da Europa tornou-se necessária a criação de cursos de português destinados especialmente à nova população estrangeira. Era efectivamente uma experiência inovadora em Portugal, sem antecedentes semelhantes, por se tratar do ensino do Português a adultos de língua eslava, já residentes (com um estatuto ou outro) no País, cuja língua precisavam urgentemente aprender. Em geral, os cursos são maioritariamente, quando não exclusivamente, para adultos (nem crianças, nem adolescentes) de língua materna eslava (principalmente falantes do russo, idioma comum mesmo entre os imigrantes de origem ucraniana, devido à influência da política soviética de «russificação» da república da antiga União Soviética).

Em face do trabalho que exercem os imigrantes adultos durante o dia, o ensino em cursos especiais de língua portuguesa só pode ser oferecido em horários especiais: à noite ou nos fins-de-semana. Por causa da urgência em aprender o idioma do novo país, o aluno adulto tende a ser exigente, pois quer aprender o mais depressa possível, podendo notar resultados úteis, de todas as aulas, desejando que lhe sejam ensinadas palavras e expressões correntes na vida prática, necessárias para a comunicação diária.

No início, houve algumas tentativas de ensino com uma orientação pouco adequada em relação ao tipo de aluno a que se destina a instrução. Em várias comunidades, professoras primárias de português, sem nenhuma experiência no ensino do idioma como língua estrangeira, foram encarregadas dos novos cursos. Não é satisfatório, sobretudo para adultos, que desejam, tipicamente, aulas de utilidade imediata, o ensino com frases como «Esta é uma maçã», com a professor a segurar uma maçã na mão e a apontar para o fruto. Mas tal método foi típico de muitas aulas durante a fase inicial da nova experiência de ensino.

5. PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS MANIFESTADOS POR ALUNOS ADULTOS DE LÍNGUA MATERNA RUSSO (OU ESLAVA, EM GERAL)

Da perspectiva da linguística aplicada ao ensino de idiomas, os problemas na aprendizagem do português manifestados pelos alunos adultos de língua materna eslava dividem-se em duas classes gerais: (a) os que são previsíveis mediante o estudo contrastivo entre as línguas em questão, ou seja, a língua materna e a língua que é o objectivo do estudo/aprendizagem,³ e (b) os problemas que resultam da situação linguística típica do meio sociocultural e geográfico em que os alunos se encontram. Este estudo começa por considerar os problemas que resultam das diferenças reveladas pela análise contrastiva fonológica.

6. OS PARADIGMAS FONOLÓGICOS DO RUSSO E DO PORTUGUÊS

Seguem-se quadros que representam as entidades com oposição fonológica no russo e no português.

³ Depois de um período em que era muito cultivado o estudo contrastivo (mormente a partir da década de '60 do século passado (vejam-se, p. ex., DiPietro 1971, Kufner 1962, Agard 1965 e Stockwell, Bowen & Martin 1965, entre muitos outros) diminui-se o interesse por esta perspectiva, talvez em parte devido à hipótese inicial, não confirmada pelos dados empíricos posteriores, de que todos os problemas de aprendizagem de um novo idioma fossem previsíveis mediante a análise contrastiva deste em confronto com uma análise correspondente da língua materna. No entanto, é inegável o facto de que a análise continua a oferecer subsídios importantes para a identificação de problemas na aprendizagem de línguas estrangeiras.

RUSSO						
CONSOANTES						
			LABIAL	APICAL	PALATAL	VELAR
Oclusivas	áfonas	duras	p	t		k
		brandas	p'	t'		k'
	vozeadas	duras	b	d		g
		brandas	b'	d'		g'
Africadas				ts	tʃ	
Fricativas	áfonas	duras	f	s	ʃ	x
		brandas	f'	s'	ʃʃ	x'
	vozeadas	duras	v	z	ʒ	
		brandas	v'	z'		
Nasais		duras	m	n		
		brandas	m'	n'		
Laterais		duras		l		
		brandas		l'		
Vibrantes		dura		r		
		branda		r'		
Semi-vogal					j	
VOGAIS						
		ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR		
altas		i	ɨ	u		
medias		e	[o]	o		
baixas		a				
DITONGOS (SV + V)						
		ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR		
alto					ju	
médios		je			jo	
baixo		já				

FIGURA 1 - Quadros fonológicos do Russo: consoantes, vogais e ditongos.⁴

PORTUGUÊS						
CONSOANTES						
		LABIAL	APICAL	PALATAL/DORSAL		
Oclusivas	áfonas	p	t	k		
	vozeadas	b	d	g		
Fricativas	áfonas	f	s	ʃ		
	vozeadas	v	z	ʒ		
Nasais		m	n	ɲ		
Laterais			l	ʎ		
Vibrantes	«r brando»		r			
	«r forte»		r			
Semi-vogais		w		j		
VOGAIS						
	ORAIS			NASAIS		
	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
altas	i		u	ĩ		ũ
medias altas	e		o	ẽ		õ
medias baixas	ɛ	[ɑ]	ɔ		ã	
baixas		a				
DITONGOS (SV + V)						
	ORAIS			NASAIS		
	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
altas	ij / iw		uj			ũj
medias altas	ej / ew		oj / ow	ěj		õj
medias baixas	ɛj / ɛw		ɔj			
baixas		aj / aw			ãj / ãw	

FIGURA 2. Quadros fonológicos do Português: consoantes, vogais e ditongos.⁵

7. DIFERENÇAS ENTRE OS PARADIGMAS FONOLÓGICOS DO RUSSO E DO PORTUGUÊS: IMPLICAÇÕES NOS PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PRONÚNCIA PORTUGUESA POR PARTE DE ADULTOS RUSSOS

As propriedades mais notáveis entre o paradigma fonológico do português em confronto com o paradigma fonológico do russo, com implicações na aprendizagem da pronúncia portuguesa por falantes da língua russa, incluem as seguintes: a presença em português de oposições entre vogais em quatro graus de abertura (enquanto são

apenas três, em russo), a presença de vogais e ditongos nasais em português (enquanto as vogais e ditongos do russo são todos orais), e a presença da oposição entre dois tipos de “r” em português (o “r forte” e “r brando”, na terminologia de Mattoso Câmara 1953), que correspondem foneticamente a uma vibrante múltipla e uma vibrante simples, em muitas das variedades do português europeu.⁴ Destas três diferenças entre os paradigmas fonológicos, resultam três tipos de problema na aprendizagem da pronúncia do português europeu por parte dos imigrantes de língua materna russa (ou de outra língua maternal eslava, com semelhantes diferenças em confronto com o português, tal como o ucraniano).⁵

7.1. A DISTINÇÃO ENTRE VOGAIS MÉDIAS ALTAS E MÉDIAS BAIXAS.

A distinção, em português, entre vogais médias altas (/e o/, com as realizações tónicas mais comuns [e o]) e as médias baixas (/ɛ ɔ/, com as realizações fonéticas mais comuns, em posição tónica, como [ɛ ɔ]) constitui um obstáculo na aprendizagem da pronúncia do novo idioma para os falantes de russo (e de outros idiomas eslavos). Em vez de distinguir entre as diferentes alturas da língua na produção das vogais médias, há alguma tendência de interpretá-las todas como médias altas. Por consequente, são frequentes entre os falantes das línguas eslavas em questão, pronúncias tais como [ovʊ] ou [ovus] e [seðə], em vez de [ɔvʊ] ou [ɔvus] e [séðə], dos substantivos *ovos* e *sede*, visto que as vogais médias baixas tendem a ser interpretadas auditivamente por tais falantes como vogais médias altas (que são comuns nas línguas maternas eslavas dos imigrantes do Leste da Europa).

⁴ Embora se tenha tornado comum, a partir da análise de Mattoso Câmara 1953, adoptada por muitos (tais como Morais-Barbosa 1965), e especialmente depois do início da fonologia gerativa, que, independente dos factos fonéticos e dos fins da descrição fonológica (tais como teóricos, pedagógicos, etc.) considera a interpretação como «vowel plus nasal consonant... consistently proved superior to the unit nasal vowel solution» (Harms 1968: 36). É evidente, porém, que a «superioridade» da interpretação das vogais nasais como sequências de vogal e consoante nasal resulta das limitações teóricas impostas pela própria fonologia gerativa. Com efeito, o tratamento das vogais nasais como vogais mais consoante nasal tem sido adoptado sem perspectiva crítica pelos linguistas ligados à Universidade de Lisboa (e. g. Mateus 1982, entre outros). É oportuno lembrar (embora nunca o mencionem os adeptos do tratamento como vogal mais consoante nasal) que os dados de uma investigação de fonética laboratorial mostram claramente que, no decurso da ressonância de uma «vogal nasal», ocorre uma sequência de um trecho inicial de ressonância oral seguido por um trecho de ressonância nasal (Lacerda & Head 1961).

⁵ Não consideramos relevante aos problemas principais de aprendizagem da pronúncia portuguesa a suposta oposição entre as vogais /a/ e /ɑ/, por ser inexistente nas variedades do Norte observadas neste estudo. Assim, é meramente de representação gráfica a distinção entre as formas verbais «chegamos», presente do indicativo, e «chegámos», pretérito do indicativo. De qualquer forma, mesmo existente tal oposição (entre /a/ e */ɑ/) seria de baixíssimo rendimento funcional, não representando, portanto, problema de ampla extensão na pronúncia portuguesa. Em geral, [ɑ] é variante do fonema /a/, que ocorre (a) em posição átona e (b) com ressonância nasal, na vogal central nasal /ã/ e nos ditongos baixos nasais /ãj/ e /ãw/.

7.2. A DISTINÇÃO ENTRE VOGAIS/DITONGOS ORAIS E VOGAIS/DITONGOS NASAIS.

Como indicam os respectivos quadros das oposições fonológicas em russo e em português, as vogais e os ditongos do russo são todos orais, enquanto o português inclui, além das vogais orais e dos ditongos orais, tanto vogais nasais, /ĩ ẽ ã õ ũ/ como ditongos nasais /ěj äj ãw öj üj/.

Pelos quadros da análise contrastiva, é de prever que os falantes do russo (e de outros idiomas afins) tenham dificuldades tanto com a percepção auditiva como com a produção articulatória das vogais e dos ditongos nasais. Tal dificuldade manifesta-se com frequência nos actos de fala em português pelos falantes do russo, ou de outro idioma eslavo, como língua materna.

Assim, ouvem-se, por parte dos imigrantes adultos do Leste da Europa, quando falam português, realizações mais parecidas como pronúncias do demonstrativo «lá», quando pretendem pronunciar o substantivo «lã», e realizações mais parecidas como pronúncias do substantivo «pau», quando pretendem pronunciar a palavra «pão». Seria possível mencionar numerosos outros exemplos. Por consequente, são frequentes os desvios na comunicação entre imigrantes eslavos e os portugueses devido às confusões entre as vogais/ditongos nasais e as vogais/ditongos orais correspondentes.

7.3. A DISTINÇÃO ENTRE OS DOIS TIPOS DE VIBRANTE, A SIMPLES E A MÚLTIPLA.

A comparação dos quadros fonológicos do russo e do português também revela uma diferença quanto às vibrantes, havendo em português uma oposição que se realiza segundo uma diferença de articulação: uma vibrante simples ou «branda», por um lado, e, por outro, uma «forte», que pode ser vibrante anterior múltipla, vibrante posterior múltipla ou simples, ou então uma fricativa posterior. Assim, são diversas as realizações do «r forte» em português, desde que haja sempre oposição perceptível entre as realizações do «r forte» e o «r brando» no contexto necessário. Devido à falta de semelhante oposição na língua materna dos imigrantes do Leste da Europa, é frequente nos actos de fala de tais pessoas realizações como a pronúncia do «carro» com «r brando», uma vibrante simples, a soar como «caro», «murro» a soar como «muro», e outros casos semelhantes.⁶

⁶ Tem havido bastante confusão quanto às propriedades fonéticas das diversas realizações do «r forte» na pronúncia portuguesa. (Veja-se Morais-Barbosa 1962b.)

7.4. OUTRAS DIFERENÇAS ENTRE OS QUADROS FONOLÓGICOS DO RUSSO E DO PORTUGUÊS.

Além das diferenças já referidas entre os quadros fonológicos do russo e do português, há várias outras diferenças. Além dos parâmetros comuns ao russo e o português na classificação das consoantes (nomeadamente, o ponto de articulação, a maneira de articulação e a presença ou ausência de vibração perceptível das pregas vocálicas), o russo inclui mais um, não relevante para a classificação das consoantes em português: a presença ou ausência de palatalização. A propriedade de palatalização é referida com frequência nos estudos da fonologia russa por algum termo como *смягчение*, que corresponde à palavra «abrandamento» em português («softening», em inglês), mas, de acordo com a classificação articulatória mais tradicional e mais precisa das ciências fónicas, a propriedade articulatória em questão é a «palatalização».

Outra diferença entre os sistemas fonológicos das duas línguas em questão encontra-se nos quadros das semi-vogais, que são tipicamente crescentes (inglês: «rising») em russo, decrescentes (inglês: «falling») em português: ou seja, em russo, a semi-vogal precede o núcleo silábico em russo, enquanto tipicamente segue o núcleo da sílaba em português.

Na investigação e na observação em que se fundamenta o presente estudo, nenhuma destas duas últimas diferenças referidas resulta em qualquer obstáculo notável para a aprendizagem da pronúncia portuguesa por parte dos imigrantes adultos do Leste da Europa. Tampouco nenhuma das outras diferenças que se notam entre os quadros fonológicos referidos resulta em problemas de aprendizagem da pronúncia portuguesa para os falantes russos.

Assim, segundo as hipóteses do presente estudo, nem todas as diferenças entre os quadros fonológicos do russo e do português causam problemas, em geral, aos imigrantes adultos do Leste da Europa, no que refere à aprendizagem da pronúncia portuguesa. Admite-se, porém, que a investigação futura possa revelar novos dados, dando origem a hipóteses divergentes, no que se refere às consequências das diferenças fonológicas além daquelas que são referidas nas secções 7.1 a 7.3 do presente estudo.

8. PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PRONÚNCIA PORTUGUESA, QUE RESULTAM DE PROPRIEDADES OU DE PROCESSOS NÃO INDICADOS PELO SIMPLES CONFRONTO DOS QUADROS FONOLÓGICOS.

Nota-se que as dificuldades, por parte de imigrantes adultos falantes do russo (ou de outro idioma eslavo afim) como língua materna, que vêm mencionadas e caracterizadas nas secções 7.1 a 7.3 resultam, em linhas gerais, do mesmo tipo de obstáculo à

aprendizagem da pronúncia portuguesa: a presença em português de tipos de oposição fonológica inexistentes na língua russa (e que não se encontram em outro idioma eslavo semelhante falado como língua materna entre os imigrantes adultos).

Há porém problemas que resultam da presença de uma propriedade e de um processo na língua materna sem propriedade ou processo correspondente na língua que é objecto da aprendizagem, sendo, desta forma, de origem distinta dos fundamentos das dificuldades caracterizadas anteriormente (de 7.1 a 7.3).

Verifica-se que, além das diferenças indicadas pela comparação dos referidos quadros (Figuras 1 e 2), ocorrem em russo alguns processos de variação, ou de alternância, fonética segundo o contexto com resultados na pronúncia sensivelmente diferentes das realizações típicas no português.

Entre os processos de variação contextual típicos do russo com resultados na pronúncia estranhos ao português, há um que é transferido com frequência aos actos de fala em português pelos falantes estrangeiros adultos de língua materna russa: a substituição da vogal posterior /o/ em posição átona por alguma variante da vogal /a/, tipicamente de grau de abertura reduzida (isto é, com maior levantamento da língua na realização) da vogal /a/, pronunciada como [ǎ] ou [ɑ]. Segundo Pulkina (1995:21), as vogais «o» e «a» átonas não se distinguem.

Exemplos de desvios da pronúncia em português devidos à transferência, para actos de fala nesta língua, das referidas variantes contextuais típicas do respectivo processo de alternância contextual, incluem a realização da palavra *programa* como se fosse algo como «pragrama», pronunciada como [prǎgráma] em vez de [prugráma], «professor», uma palavra reconhecida e adoptada como estrangeirismo, com a pronúncia típica em russo como [prǎfjésar], «professar».

Embora haja na língua russa diversos tipos de alternância entre variantes fonéticas de acordo com diversos contextos fonológicos e morfológicos, o único caso notado pelos co-autores do presente estudo, até ao momento presente, com influência na pronúncia do português por falantes russos adultos, é a referida alternância entre a vogal média posterior e diversas realizações da vogal central. É possível, porém, que a investigação e a observações futuras venham a revelar outros problemas que resultem de outros processos de alternância da realização fónica segundo o contexto. Além dos processos deste tipo já referidos na presente estudo, o russo inclui vários outros (de acordo com informações de Cubberley 2002:53, Halle 1953, Pulkina:20-32, Sussex 1992, entre outros autores), tais como: a alternância na posição do acento tónico, diversos tipos de assimilação regressiva, alternância entre diferentes vogais ou entre a presença e a ausência de determinada vogal na composição morfológica, alternância entre consoantes velares com correspondentes palatais.

Entre as propriedades de alternância da realização fonética segundo os contextos fónicos na pronúncia do português, destacam-se as seguintes: (1) a alternância das qualidades das vogais em posição átona (Head 1965: 358-9), (2) a velarização da lateral (não palatal) em posição final de sílaba, que se realiza como [ʎ], em vez de [l] e a con-

sequente posteriorização da vogal que a precede (por exemplo, o «a» em «mal», com [a̠], em vez de [a], o «i» em «vil», com [i̠] em vez de [i], o «e» em «mel», com recuo do [ɛ]). (Lacerda & Hammarström 1952:121), (3) o desvozeamento das vogais átonas finais, mormente [ə u], especialmente em contextos sem vozeamento, tais como depois de consoante áfona ou diante de pausa (Companyns 1954:109-111). Os autores do presente estudo consideram que, mesmo quando não dominadas pelos imigrantes adultos, tais propriedades não constituem problemas especialmente relevantes na pronúncia portuguesa, pois, mesmo sem elas, não se compromete necessariamente o reconhecimento dos significantes.

9. OUTRAS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA PRONÚNCIA PORTUGUESA POR PARTE DE ADULTOS DE LÍNGUA MATERNA RUSSA.

Os problemas desta segunda categoria geral, não são previsíveis mediante as perspectivas de uma análise contrastiva linguística meramente genérica, baseada no confronto de propriedades da chamada “língua padrão”. No entanto, tais problemas se manifestam claramente entre os imigrantes adultos tipicamente novos falantes (ou falantes incipientes) do português – e mesmo entre alguns com bastante conhecimento do português.

Das perspectivas da linguística aplicada contrastiva, os problemas dividem-se nas diversas áreas de diferenças: na representação gráfica, na fonologia (incluindo simples problemas de pronúncia correspondente à realização comum deste ou daquele fonema, conforme o contexto), nos sistemas morfológicas (sobretudo no que se refere aos respectivos sistemas de categorias gramaticais), na sintaxe. Para além dos problemas que resultam das diferenças entre as estruturas linguísticas, também se manifestam, entre adultos eslavos quando falam português, problemas relacionadas com a diversidade de variedades e de estilos no uso da língua portuguesa. Os desvios persistentes são confirmados pela observação no dia a dia fora da sala de aula.

9.1. PROPRIEDADES DA LINGUAGEM TÍPICA DO PORTUGUÊS NO MEIO DE TRABALHO DOS IMIGRANTES.

Também influem na pronúncia dos falantes adultos de língua materna russa as características das variedades por eles observadas, especialmente a forma de português falada no ambiente de trabalho. É comum entre os imigrantes adultos do Leste da Europa que se encontram em Portugal haver poucas opções de emprego, independente das qualificações profissionais. Assim, é comum trabalharem na construção ou em fábricas – meios em que as variedades de linguagem tendem a ser populares. Desta for-

ma, o imigrante adulto do Leste da Europa tende a ter maior contacto no dia a dia com variantes da linguagem popular regional do que com formas da linguagem mais culta.

No norte de Portugal, tais imigrantes tendem a usar nos actos de fala em português variantes típicas da linguagem coloquial, por um lado, e, por outro, da linguagem popular regional. Embora tais variantes incluam propriedades típicas em diversos domínios do idioma (da pronúncia, da gramática e do vocabulário), as de especial interesse para o presente estudo são da pronúncia. Exemplos incluem realizações tais como «'tá», «'tô», «p'ra», da linguagem coloquial (em vez de «está», «estou», «para»), por um lado, e, por outro, realizações tais como «atão», «binho», «pom» e «naçom», «nun», «tchamar», da linguagem popular (em vez de «então», «vinho». «pão», «nação», «não» e «chamar».

É notável a persistência, dalgumas das referidas variantes de pronúncia, nos actos de fala dos imigrantes adultos de língua materna eslava. Não basta a mera correcção pela professora de português na sala de aula, pois o falante adulto pode persistir – e até insistir explicitamente – numa pronúncia como, por exemplo, «'tô», a afirmar que o que ensina não é o que se ouve na linguagem do dia a dia. E com efeito não é! Por diferirem da experiência auditiva comum do imigrante adulta do Leste da Europa com trabalho manual comum no Norte de Portugal, podem parecer artificiais as formas de linguagem não coloquial que geralmente se ensinam durante as aulas.

A propriedade da pronúncia popular regional mais persistente no Norte será talvez a falta de distinção entre o «v» e o «b», com o /v/ a ser realizado como [b] ou como [β], conforme o contexto fonológico. (Cintra 1983:142, Rodrigues 2003:281-292). Tal obstáculo à aquisição da pronúncia normal do português resulta evidentemente da influência da linguagem do meio dos respectivos falantes imigrantes adultos (trabalhadores na construção ou em fábricas) e não da influência da língua materna (isto é, do russo ou de outra língua eslava): existe, em russo, a oposição fonológica entre /b/ e /v/, que se representam na escrita com as letras Б, б e В, в respectivamente. Semelhante oposição existe, de modo geral, nas outras línguas eslavas dos imigrantes do Leste da Europa. É de notar que a perda da distinção entre o «v» e o «b» torna homófonas as palavras de pares tais como *cabo* e *cavo*, *bala* e *vala*, etc.--além de dificultar o reconhecimento de formas tipicamente realizadas com /v/ [v] na língua culta.

A forma «atão» faz parte da linguagem regional (por exemplo, no Alentejo, segundo A. Pires, 1903-5: 96), encontrando-se igualmente na linguagem popular do Porto e em outras localidades.

É típica do português antigo, antes do século XVI, a terminação «-om» em vez de «-ão», mas persiste no uso moderno--mesmo em meios urbanos--como arcaísmo, por exemplo, «naçom», onde também se regista a variante «num», em vez de «não», em posição átona dentro da frase fónica.

Também são formas arcaizantes realizações como «tchamar», com «tch», [ç] ou [tʃ], em vez de [ʃ]. A partir do século XVII, a africada [ç] ([tʃ]) começou a tornar-se cada vez menos comum no Sul, sobrevivendo porém no Norte (Teysier 1984: 53-54).

9.2. INTERFERÊNCIA DAS SEMELHANÇAS LEXICAIS ENTRE O RUSSO E O PORTUGUÊS.

Há um número apreciável das palavras semelhantes no russo e no português, devido às fontes comuns entre as léxicas das duas línguas, tal como foi demonstrado, de forma resumida, num trabalho anterior (Head e Semënova 2008).

As formas semelhantes, embora não idênticas, de certas palavras podem dar origem a desvios de pronúncia nos actos de fala em português pelos falantes imigrantes adultos de língua materna russa.

Por exemplo, provêm do italiano o termo da música que significa «dirigente de orquestra», a palavra portuguesa «maestro», e a palavra russa «МАЭСТРО», sendo comum em português europeu a realização como [mæʃtru], em russo [mʌɛstrɔ]. A terminação em [-ɔ], típica da pronúncia de muitos russos (inclusive da região de Moscovo), parece, num acto de fala em português, a marca do género feminino, enquanto é de género masculino a palavra «maestro» em português. Observa-se que, tanto em russo como em português, na língua escrita, a palavra termina com a vogal *o*, dos respectivos alfabetos, o cirílico e o romano só que podem ser diferentes as realizações fonéticas comuns nas duas línguas, segundo o contexto.

O problema de pronúncia para falantes adultos de língua materna russa que resulta da diferença entre as palavras afins o português «maestro» e o russo «МАЭСТРО», no que se refere à realização da vogal final tanto poderá ser atribuída à interferência da diferença entre as duas palavras afins e semelhantes ou (2) à interferência do processo de variação contextual no russo que consiste na substituição da vogal posterior /o/ em posição átona por alguma variante da vogal /a/, entre muitos falantes [ɔ] em posição átona. Evidentemente, os dois factores podem se combinar, numa interferência complexa.

Em face das diferenças que não raramente se encontram entre palavras russas e portuguesas das mesmas origens, não convém ministrar o ensino de um destes idiomas a falantes do outro, com base nas palavras cognatas⁷—as quais, além das divergências nas realizações fonéticas, possuem, comumente, diferenças de denotação ou de conotação.

⁷ Tal procedimento, descrito por uma professora que o usava, foi noticiado no jornal «Слово», um dos periódicos em língua russa que se editam actualmente em Portugal, numa reportagem «Характер – это судьба» («Carácter – é o destino»), a 25 de Fevereiro de 2006, p. 14. Numa entrevista, Ludmila Belaiá (que na época dava aulas de russo na Universidade de Aveiro) afirmava ter um «método especial» para ensinar russo a alunos portugueses, o qual ela exemplificava com as palavras «Адвокат, культура, университет, театр» ([advakát, kul'túra, universitjét, tiátr], em transcrição fonética. Dizia que começava as aulas de russo para alunos portugueses pronunciando tais palavras e depois perguntava, «Em que língua estou a falar?» Quando os alunos respondiam, previsivelmente, «Em português», ela então afirmava, «Não, em russo!», pela grande surpresa dos alunos. O absurdo e o carácter anti-pedagógico de tal suposto «método» não merecem comentário maior. É evidente que tal introdução (na ocasião do primeiro contacto dos alunos com o novo idioma em sala de aula!) tende a promover diversas noções erradas, visto que: (1) falar uma língua não consiste em dizer uma lista de palavras (mesmo que soubesse todas as palavras de qualquer idioma, tal conhecimento não equivaleria «falar a língua», que inclui também a gramática...), (2) apresentar algumas palavras cognatas, como se fossem representativas da relação comum entre o léxico do russo e o do português,

9.3. PROPRIEDADES PROSÓDICAS: O ACENTO DE INTENSIDADE E A ENTOAÇÃO

9.3.1. O ACENTO

O acento em russo é de intensidade (em vez de ser de tom), tal como em português. Ao contrário do português, o russo possui a propriedade de mobilidade da posição do acento em relação à raiz, por exemplo, na palavra que significa «janela», [áknó] no singular, [ókná] no plural (sendo que tal diferença da posição do acento entre o singular e o plural não resulta de nenhuma regra geral).⁸ Em contraste, a posição do acento em português é fixa em cada palavra (embora a posição da sílaba tónica dentro da palavra varie de uma palavra para outra, havendo, em português, três classes de palavras segundo a estrutura tónica: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas).

Evidentemente, os imigrantes adultos do Leste da Europa (tal como os da outra origem na aprendizagem da pronúncia portuguesa) podem ter problemas com a aprendizagem da posição da maior intensidade, visto variar de uma palavra para outra. Há duas considerações relevantes, a este respeito: (1) ao contrário do russo, emprega-se o acento gráfico em português para indicar a sílaba tónica, quando a posição desta dentro da palavra não coincide com a posição comum nas palavras de semelhante estrutura fónica; o acento gráfico é especialmente útil para os estrangeiros (inclusive russos adultos) na aprendizagem da pronúncia portuguesa; (2) o obstáculo do lugar do acento em palavras portuguesas, no que se refere à aprendizagem da pronúncia portuguesa pelos imigrantes adultos de língua materna russa, resulta das diferenças na posição do acento de intensidade entre algumas palavras cognatas, tais como nas palavras eruditas «prótese» e «estereótipo», de uma determinada estrutura acentual, em contraste com as formas correspondentes russas, de outra estrutura acentual.

Exemplos da diferença referida acima incluem as diferenças de estrutural acentual entre as seguintes palavras correspondentes: do português, «estereótipo», «academia», «prótese», em confronto com o russo стереотип [steriátíp], академия [akad'émija], протез [pratés]. Para adultos de língua materna russa, não constituem problemas, o lugar do acento de intensidade em palavras como «protesto», «ídolo»: embora as palavras portuguesas tenham uma sílaba mais do que as palavras cognatas russas, протест [prat'ést] e идол [ídal], devido à terminação em «-o» das formas portuguesas, é o mesmo em ambas as línguas o lugar de acento na raiz da palavra.

tende a induzir no aluno uma noção falsa da semelhança entre as referidas línguas, (3) as palavras citadas dão, por si só, uma ideia falsa do grau de dificuldade que se encontra na aprendizagem da pronúncia russa.

⁸ Um exemplo que se cita comumente para indicar a alternância da realização da vogal da raiz, de acordo com a posição tónica ou átona, é o seguinte paradigma: стол, «mesa», nominativo singular [stól], стола, genitivo singular [stólá], столу, dativo singular [stólú], стол, acusativo singular, столом, instrumental singular [stólóm], столе preposicional (ablativo) singular [stóljé], no qual a vogal da raiz, representada na escrito com a letra «o», se realiza como [o] quando tónica e como [ɑ] quando átona.

9.3.2. A ENTOAÇÃO

Quanto aos padrões típicos da entoação nas duas línguas consideradas, não foi encontrado na investigação e observação para o presente estudo nenhum caso de interferência da entoação russa com o português. Admitimos, porém, a hipótese de que a investigação futura possa vir a revelar alguns casos de interferência, sobretudo em face da observação seguinte (a qual, por enquanto, é meramente de ordem empírica, carecendo pesquisa mais rigorosa).

A observação informal da entoação, tanto do português do Norte como do russo, dá-nos a impressão de que os imigrantes do Leste da Europa, depois de alguns anos de residência em Portugal, tendem a transferir para uso no russo um padrão de entoação que é típico em portuguesa (embora de ocorrência pouco frequente), com a linha tonal ascendente em fim de frases declarativas (na sequência de outra declarativa, mas a apresentar outra noção).

Por exemplo, A diz «Faz tempos que não vejo o Dima», e B declara «Eu o vejo todos os dias», com a linha tonal a subir no fim da frase, quase como se fosse uma pergunta. A linha tonal ascendente no fim da frase declarativa abre duas opções discursivas: (1) o primeiro locutor poderá reagir verbalmente à diferença entre as duas frases declarativas no contexto do diálogo, ou (2) o segundo locutor poderá continuar o seu acto de fala com uma elaboração da afirmação. (Cf. Bollinger 1989: 146).

Temos a impressão de termos observado, entre vários falantes do russo e do ucraniano (residentes em Portugal), o uso, na própria língua materna, de semelhante padrão de entoação em actos de fala, em situações comparáveis. Visto que o uso da linha tonal ascendente, em frases declarativas, não nos parece típico nas referidas línguas eslavas em contextos semelhantes. A pergunta que se impõe é esta: os imigrantes do Leste da Europa poderão ter adquirido tal uso de discursos em língua portuguesa?

É de notar que a função da subida da linha tonal numa frase declarativa em tais circunstâncias não é passível de esclarecimento satisfatório mediante uma mera descrição gramatical: dependerá, antes, da análise discursiva.

Evidentemente, tal tema merece uma investigação rigorosa e aprofundada, com uso dos recursos instrumentais necessários.

10. RESUMO DE CONCLUSÕES INICIAIS E PERSPECTIVAS PARA INVESTIGAÇÃO FUTURA

Depois de um breve resumo da história do ensino do português na Rússia, a fim de contextualizar o tema estudado, o presente trabalho apresenta algumas informações sobre a mudança dramática observada, durante a última década, no perfil do uso de outras línguas em Portugal, devida principalmente aos novos residentes provindo de

outros países: actualmente, os ucranianos constituem o maior grupo de imigrantes no país e há quatro jornais semanais editados em Portugal na língua russa, além de numerosas transmissões em russo e em ucraniano pelas estações locais de rádio e vários suplementos publicados nessas línguas pela imprensa local.

Com efeito, a imigração de numerosas pessoas do Leste da Europa nos últimos anos tornou necessária a criação de muitos cursos de português como língua estrangeira, principalmente para adultos e ministrados em horários que não coincidam com o trabalho. A comunicação dá um resumo dos problemas principais na organização de tais cursos.

São considerados os problemas principais que resultam das diferenças fonológicas e das semelhanças lexicais entre o português e o russo (e outras línguas eslavas). São apresentados e comentados alguns exemplos de desvios no uso do português por parte de alunos adultos falantes de russo (e de outras línguas eslavas) e de dificuldades que se observam na prática entre tais alunos, embora nem sempre previstas pelos resultados da análise contrastiva.

Verifica-se que a análise contrastiva das propriedades fonológicas do português e das principais línguas eslavas (nomeadamente, o russo e o ucraniano) faladas pelos imigrantes recentes do Leste da Europa, serve para identificar alguns dos problemas de pronúncia encontrados pelos imigrantes eslavos em Portugal na aprendizagem do português.

Assim, a análise contrastiva revela os fundamentos de vários problemas da pronúncia portuguesa para adultos falantes do russo como língua materna: as vogais médias baixas, /ɛ ɔ/ [ɛ ɔ]; as vogais e os ditongos nasais; a distinção entre dois tipos de vibrantes (o «r brando» e o «r forte»).

Nota-se, porém, que nem todas as diferenças entre os respectivos quadros fonológicos resultam em problemas de aprendizagem da pronúncia portuguesa entre os imigrantes adultos do Leste da Europa.

Por outro lado, há outros problemas na aprendizagem da pronúncia portuguesa que resultam não das diferenças reveladas pela comparação dos quadros fonológicos, mas antes de diferenças entre as línguas em questão no que se refere a propriedades e processos de variação com influência na realização fónica segundo o contexto. Nota-se, por exemplo, a transferência, do russo para o português, as particularidades fonéticas da alternância entre /o/ [o] e alguma variante de /a/, com a realização de [ã] ou [ɑ], em vez de /o/ [o], em sílabas átonas.

Outros problemas resultam das variedades da linguagem comum entre os portugueses com quem os imigrantes têm maior contacto, devidos às respectivas propriedades geográficas e sociais, de uso frequente especialmente no âmbito do trabalho.

As propriedades das variedades do português dos meios típicos dos imigrantes adultos do Leste da Europa apresentam características tais como: formas truncadas, como «'tá» e «'tô», em vez de «está» e «estou», o uso de /b/ [b β] em vez de /v/ (por exemplo, «cabo» por «cavo»), o uso da africada palatal «tch» ([tʃ], ou [ç]), em vez da fricativa correspondente ([ʃ]) em realizações como «tchamar» em vez de «chamar», a forma

arcaizante e popular de algumas realizações que correspondem a ditongos nasais na linguagem culta (por exemplo, «pom» em vez de «pão»).

Algumas das semelhanças lexicais entre o russo e o português também poderão induzir o falante russo adulto a cometer erros na pronúncia portuguesa, mormente no que se refere às realizações das vogais átonas e à posição da sílaba tónica.

Quanto às propriedades prosódicas o acento e a entoação, ainda podem induzir em erro na pronúncia do português, as diferenças na posição do acento que se encontram em várias palavras cognatas.

É preciso levar em conta o facto de que eram tipicamente adultos os imigrantes considerados no presente trabalho. Isto é, os que foram objecto do ensino e da observação que serviram de fontes para a identificação das dificuldades de aprendizagem na pronúncia portuguesa, tratadas neste estudo. Evidentemente, os imigrantes da Leste da Europa que pretendem, já como adultos, aprender português, representam um grupo especial, com problemas especiais. Nota-se ainda que algumas das semelhanças de forma entre palavras correspondentes (da língua materna – frequentemente o russo, em confronto com a língua portuguesa, objecto da aprendizagem) podem resultar em desvios erros por associação entre formas parecidas mas não idênticas na aprendizagem da pronúncia portuguesa.

As observações apresentadas no presente estudo tiveram sua origem na experiência pedagógica e na observação do uso do português por imigrantes de língua materna russa, tanto na sala de aula como em situações comuns de actos da fala, na região do Minho, mormente em Braga. Novas investigações semelhantes, em outras regiões, poderão revelar a influência de outras características populares e regionais, conforme a localidade representada. No que se refere a diferenças entre o Douro (representado pelo Porto) em confronto com o Minho (representado por Braga) pode-se fazer uma ideia prévia de possíveis divergências entre as influências das variedades populares locais na pronúncia portuguesa adquirida pelos imigrantes através da comparação de estudos monográficas (tais como Saraiva 1995, por um lado, e Gonçalves 1988, por outro).

As futuras investigações dos problemas na aprendizagem da pronúncia portuguesa por imigrantes do Leste da Europa deverão enfrentar várias tarefas: a avaliação das hipóteses do presente estudo, a descrição dos problemas de pronúncia portuguesa manifestados por populações de imigrantes em outras regiões, o estudo da possível influência de diversos factores sociais na aprendizagem, a investigação, com processos instrumentais adequados, dos problemas na aprendizagem dos padrões da entoação portuguesa, e a determinação da possível influência de algum espírito de grupo na persistência de alguns desvios de pronúncia em português que são típicos dos imigrantes do Leste da Europa.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGARD, F. (1965). *The Grammatical Structures of English and Italian*. Chicago: University of Chicago Press.
- BOLLINGER, D. (1989) *Intonation and its Uses. About melody in grammar and discourse*. Stanford: Stanford University Press.
- CINTRA, L.F.L. (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- COMPANYS, M. (1954). *Notes sur les finales atones portugaises après consonne sourde*, *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 2: 105-128.
- CUBBERLEY, P. (2009). *Russian: a Linguistic Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GONÇALVES, G. (1988). *O Falar do Minho. Subsídios para o seu estudo com um glossário de provincialismos e formas divergentes*. Oliveira de Azeméis: edição do Autor.
- HALLE, M. (1959). *The sound pattern of Russian*. The Hague: Mouton.
- HALL, R. (1943). *The Unit Phonemes of Brazilian Portuguese*, *Studies in Linguistics* 1.15, 1-6.
- HARMS, R. (1968). *Introduction to Phonological Theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc.
- HEAD, B. (1963). Reçensão de A. Rosetti, *Introdução à Fonética*, 2ª ed., tradução de Maria Leonor Carvalhão Buesco. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962. in *Revista Portuguesa de Filologia*, 13:349-361.
- HEAD, B. (2007). *Linguistic profile of Portugal*, trabalho apresentado no 5th International Congress of Dialectology and Geolinguistics, Braga, 2006. (No prelo.)
- HEAD, B. & L. SEMËNOVA (2008). *Afinidades entre palavras do português e do russo*, in *Annualia VERBO 2008-2009. Temas, Factos, Figuras*. Lisboa: Editorial Verbo, pp. 41-57.
- KUFNER, H. (1962). *The Grammatical Structures of English and German*. Chicago: University of Chicago Press.
- LACERDA, A. & B. HEAD (1962). *Análise de sons nasais e sons nasalizados do português normal*, *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 6: 1-72.
- LACERDA, A. & N. ROSSI. (1958). *Particularidades Fonéticas do Falar do Rio de Janeiro (em confronto com o português normal de Portugal)*, *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 4: 5-102.
- MATEUS, M.H.M. (1982). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MATEUS, M.H.M. & E. D'ANDRADE (1989). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- MATTOSO CÂMARA, J. JR. (1953). *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- MATTOSO CÂMARA, J. JR. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- MORAIS-BARBOSA, J. (1965). *Études de phonologie portugaise*. Lisboa: Junta de Investigação Ultramarina.

MORAIS-BARBOSA, J. (1962a). *Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique*, Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences, Helsinki, 1961. The Hague: Mouton, pp. 691-708.

MORAES-BARBOSA, J. (1962b). *Sur le /r/ portugais*, in *Miscelânea Homenaje a André Martinet*, 3 v. Tenerife: Universidad de las Canarias, v. 3: 211-226.

PINTO DE ALMEIDA, A. (2007). 'Porto' or 'Oporto'? *Language as an indicator of the cultural background: Linguistic / geographic integration of a European capital of culture*, International Meeting on Interdisciplinary Geography, First Annual Conference of the University Network of the European Capitals of Culture, Sibiu, Romania, 24-28.10.2007. Internet: <http://www.herodot.net/conferences/sibiu/UNEECC/2%20SIBIU.doc>

PIRES, T. (1903-04). *Vocabulário alemtejano*, *Revista Lusitana* 8: 92-98, 298-300.

PULKINA, I. (1993). *A short Russian reference grammar, with a chapter on pronunciation*. Moscow: Russky Yazyk.

RODRIGUES, M.C.M. (2003). *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação Gulbenkian.

STOCKWELL, R., J. D. BOWEN & J. MARTIN. (1965). *The Grammatical Structures of English and Spanish*. Chicago: University of Chicago Press.

STREVENS, P. D. (1954). *Some Observations on the Phonetics and Pronunciation of Modern Portuguese*, *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 2: 5-29.

SUSSEX, R. (1992), *Russian* in W. Bright, ed., *International Encyclopedia of Linguistics*, 4 v. New York-Oxford: Oxford University Press, v. 3, pp. 350-358.

TEYSSIER, P. (1984). *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa.

BRIAN FRANKLIN HEAD

PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE ALBANY.

LARISSA SEMËNOVA-HEAD

PROFESSORA JUBILADA DA UNIVERSIDADE DE MOSCOVO.